

Um estudo inacabado sobre a verdadeira história dos ensaios postais de Dom Pedro II barba branca não emitidos: os “Ensaios de Cottens”

por Fernando Silva Moreira dos Santos,
Sociedade Filatelia Paulista.
e-mail: fernando@moreiradossantos.com.br



1. Apresentação

O estudo sobre os “ensaios de Cottens” tem sido jornada árdua, iniciada em abril de 2014 e que ainda não chegou ao seu fim, na qual muitos colegas têm colaborado e participado, contribuindo com material, reflexões, dúvidas e críticas. Mesmo com o risco de deixar alguém de fora, é preciso agradecer a ajuda inestimável dos amigos filatelistas e comerciantes filatélicos: José Renato Coelho de Souza (fórum Selos do Brasil), Luís Claudio Fritzen (AFSC), José Luís Sampaio Torres Fevereiro (ABCF), Claudio Walter Neumann (SPP), Marco Aurélio Pinto de Assis (ABCF), Sérgio Laux (AFSC), Iury Nobre (fórum Selos do Brasil); além da pesquisadora Dra. Márcia Rizutto, do Departamento de Física Nuclear da USP. Em especial, agradeço ao amigo Romeu Odilo Trauer (AFSC), que, desde o início e sempre muito envolvido, compartilha o desenvolvimento desta pesquisa.

A busca tem trilhado pela análise de textos técnicos publicados, pelo contato com aqueles que possam ter alguma informação que elucide a história dos ensaios, por pesquisa laboratorial e por arquivos digitais de bibliotecas no Brasil, na França e nos Estados Unidos. Mesmo quando a pesquisa encontra o vazio, mais uma peça é colocada neste quebra-cabeça que não se sabe se é possível solucionar.

Buscando a crítica construtiva e o compartilhamento do conhecimento, o presente artigo é despretensioso no objetivo de solucionar o enigma e apresenta apenas a síntese desses quase dois anos de viagem à história postal da segunda metade do século XIX. Se há uma pretensão aqui, é a de colocar ainda mais dúvidas, desmitificando o pouco que se achava saber sobre estes belos ensaios.

2. Plano de estudo

O presente estudo iniciará com breve síntese sobre o tema, passando, na sequência, para as diferenças entre ensaios, provas e reimpressões, de modo a se

enquadrar adequadamente o que seriam os ensaios de Dom Pedro II barba branca.

Posteriormente, adentrar-se-á na análise específica do objeto da pesquisa quanto às características, à denominação e ao local de confecção, gravação e impressão, além de se apresentar algumas curiosidades.

Por fim, encerrar-se-á com a apresentação da nova tendência na filatelia: a utilização de análises não destrutivas em material filatélico, que servirá como mecanismo para se apurar a verdadeira história dos ensaios de Dom Pedro II barba branca - os “ensaios de Cottens”. Os estudos por meio de métodos analíticos não destrutivos permitirão a elucidação da verdadeira história, com grande precisão.

3. Breve esboço temático

Os “ensaios de Dom Pedro II barba branca não emitidos” ficaram conhecidos como os “ensaios de Cottens” ou, com menor frequência, “bustinhos”, sobre os quais pairam muitos mistérios, dúvidas e mitos. A denominação “bustinho” não é a mais apropriada, visto designar o selo de 100 réis também conhecido como “cabecinha”, de 1884, com o qual os “ensaios de Cottens” não possuem relação.

Afirma-se no meio filatélico que teriam sido elaborados por um artista francês chamado Cottens e que teriam sido gravados e impressos em 1878. É comum se afirmar, ainda, que esses seriam os selos emitidos caso a República não tivesse sido proclamada, sendo, portanto, os selos que seriam utilizados na década de 1890. Todavia, tais informações não são comprovadas.

Fora do que se verifica pela análise do próprio selo, muito pouco se sabe. Não se sabe se foram ensaios oficialmente encomendados pelo governo brasileiro e, muito menos, se foram submetidos à aprovação dos Correios. Em consulta realizada em 12 de agosto de 2014, o Museu dos Correios, situado na Capital Federal, informou que a única referência em seus arquivos é encontrada no Catálogo Histórico dos Selos do Império do Brasil (1843-1889), de Marcelo Studart, não tendo qualquer documento que indique a procedência oficial dos ensaios.

Na tentativa de se encontrar informações sobre a origem do papel utilizado, contatou-se, em maio de 2014, a fabricante de papel Argowiggins Security, que forneceu papel para a Casa da Moeda fabricar os selos postais na época do Império. Contudo, a companhia informou que seu acervo histórico foi doado e que não possui mais qualquer informação sobre os tipos de papéis utilizados na época.

A quantidade destes ensaios de Dom Pedro II barba branca de 1\$000 isolados no centro de folha encontrada no mercado é, no mínimo, suspeita, merecendo grande atenção do filatelista, pois, além de dúvidas quanto à própria origem,

podendo ser “cinderelas” e haver “fac-simile”, há, ainda, a possibilidade de existirem falsificações. Suposições levam a crer em uma emissão em massa com o objetivo de se vender para filatelistas. Em interessantíssima conversa com o eminente filatelista Sérgio Laux, soube-se da prática de se efetuar impressões em massa após um ensaio ser recusado para emissão oficial, com o objetivo de se obter algum lucro com a peça descartada. Essa informação explicaria de forma muito plausível a grande quantidade de “ensaios de Cottens” de 1\$000 isolados no centro de folha, sendo que outras formatações não são tão comuns de se encontrar.

4. As diferenças entre ensaios, provas e reimpressões

Discussão muito comum encontrada no meio filatélico ao longo dos estudos realizados diz respeito à diferença entre ensaios, provas e reimpressões. Embora não seja tema polêmico nem que enseje, no momento, maior atenção, é interessante a elucidação de modo a permitir a adequada classificação do que seriam os ensaios de Dom Pedro II barba branca não emitidos.

A relevância de tal distinção se sobrepõe pelo fato de ser usual encontrar-se na filatelia mundial o enquadramento destes ensaios como “die proof” (prova do artista), “proof” (prova) e “essay” (ensaio), demonstrando que há certa divergência sobre sua real classificação, visto serem expressões com diferentes significados.

4.1. Os ensaios

O “ensaio” é a gravação realizada no início do processo de criação de um novo selo postal, com a intenção de submetê-lo à aprovação do ente contratante, que, no caso brasileiro, seria a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, antiga Diretoria Geral dos Correios. Ocasionalmente, os ensaios eram elaborados como rascunhos do artista que os confeccionava e por isso ficou conhecido também como “ensaio do artista”.



Fig. 01

Pode ser feito por encomenda do ente contratante, oficialmente, ou por iniciativa do artista que pretende ser contratado para a emissão postal do ensaio apresentado. Nessa fase, ainda não se sabe se será emitido, sendo amostras do produto que se pretende elaborar, e, por isso, geralmente, são gravados em pequena quantidade e em formato e desenho que se pretende seja o futuro selo.

É comum utilizar papel cartão, facilitando a apresentação, durabilidade e manuseio. Há diferenças encontradas nos papéis utilizados nos ensaios, desde “papel da índia” até papéis finos, cartonados e filigranados. Como exemplo, o ensaio de selo “Cabeça Pequena”, facial de 500 réis, anulado verticalmente e sobre papel filigranado (letra A), vendido na 60ª Venda Sob Oferta de Neumann Filatelia. (Figura 01).



Fig. 02

Ao se observar os ensaios filatélicos, percebe-se grande preocupação com a arte, sendo providos com grande beleza, muitas vezes superior a dos selos emitidos. Um exemplo desta superioridade são os ensaios não emitidos de 10 réis, 20 réis e 50 réis, em cores diversas e com margens percé e denteados (Figura 02). Estes ensaios foram elaborados também em outras combinações de cor, com e sem denteação. A emissão oficial de um selo com valor facial de 10 réis foi feita apenas em 1889, na série “jornal”; e, em 1894, na série “madrugada republicana”.

Outros ensaios confirmam a atenção para a arte gráfica, como os selos de jornais não aprovados para emissão oficial (Figura 03). Provavelmente antecederam a denominada “emissão republicana”, que teve outra configuração, em formatação monocromática azul, verde, malva e rosa, e que ocorreu em 05 de julho de 1890, para os de 10 réis; em 23 de agosto de 1890, para os de 20 réis; e, em 29 de agosto de 1890, para os de 100 réis. Especula-se que estes ensaios tenham composto a “Coleção de Valores e Cores dos Selos da Republica”, enviada ao Diretor dos Correios pelo Diretor da Casa da Moeda em 09 de dezembro de 1889, e, por isso, teriam antecedido a “emissão republicana”. A Nota nº 357 em que se fez a remessa pode ser encontrada *in* GUATEMOSIN, p. 180. Com esta nova emissão, substituiu-se os selos de jornais gravados por tipografados (GUATEMOSIN, p. 181).



Fig. 03

4.2. As provas

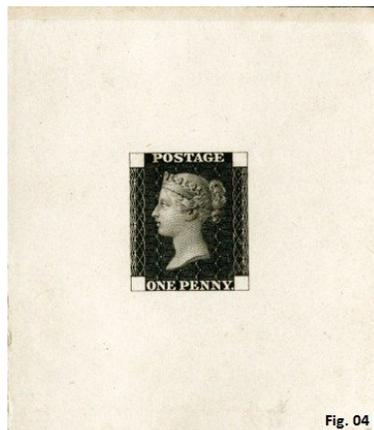
Até o momento da aprovação pelo ente contratante tem-se o ensaio, mas, a partir disso, com o início do processo de emissão do selo, o que se tem são as provas, que podem ser de diversas ordens, mas já relacionada ao próprio processo de confecção do selo. Há quem entenda que a prova pode ser o próprio ensaio, após ter sido aprovado. Nesse sentido, ver Insights. “What are essays and

proofs?”. Disponível em <http://www.linns.com/en/insights/stamp-collecting-basics/2000/january/what-are-essays-and-proofs-.html>. Acesso em 28 de dezembro de 2015. Contudo, essa classificação não parece ser a interpretação mais adequada.

Considerando as emissões elaboradas por entes privados, o mais adequado é definir o marco divisor como sendo a aprovação pelo ente contratante. Essa é a classificação adotada pela extinta “U.S. Essay-Proof Society”, que define a prova como “any impression, the design of which was approved for use on an issued stamp of an established government or private post, from any die, plate, stone or type, printed for the purpose of (1) examination or reference, (2) for determination of satisfactory quality of design, color, ink, or imprinted surface, or (3) for determination of the effect of cancellation or method of separation” (*Apud* <http://www.linns.com/en/insights/stamp-collecting-basics/2000/january/what-are-essays-and-proofs-.html>).

Como exemplos de tipos de provas (em inglês, “proofs”), pode-se citar: do artista (ainda sendo melhorada pelo artista, mas já definido que o selo será emitido, não fazendo parte da emissão numerada e podendo servir de referência para a tiragem da série); de escova (obtida ao se bater com escova sobre folha de papel umedecida colocada em cima da matriz já entintada); de papel (teste do tipo de papel a ser utilizado); de cor (testes em relação à cor a ser utilizada); e, de tinta (este teste pode ser útil para se verificar a durabilidade da tinta, como ocorre também com o teste do papel).

Dentre diversas variedades de provas, há, ainda, a prova da matriz (em inglês, “die proof”), que é a impressão feita diretamente da chapa matriz do selo a ser emitido, sendo que pode ser da matriz final (“Master Die Proof”), como o exemplar do selo inglês “Penny Black”, tendo 68 mm x 62mm, impresso em preto em papel da Índia, que é um dos cinco exemplares existentes e está a venda na Stanley Gibbons por £350.000,00 (**Figura 04**). É comum na filatelia internacional se denominar os ensaios ora em estudo como sendo “die proof”, o que é um equívoco, pois não se trata de um selo em processo de emissão, se tratando apenas um ensaio (em inglês, “essay”).



Muitas provas são impressas em “papel da Índia”, que é resistente, fino e opaco (em inglês, “India paper proofs”). Há casos em que essa prova é montada em papel cartão com chanfrado (“die-sunk card”), sendo denominada de prova híbrida (“hybrid proof”). Embora os “ensaios de Cottens” tenham sido emitidos em papel cartão com chanfrado, não são híbridos.

4.3. As reimpressões

As reimpressões são emissões realizadas, com as mesmas chapas originais, após o período de emissão oficial. Não fazem parte do processo de confecção, gravação e impressão dos selos postais. São meramente impressões futuras realizadas com a mesma chapa, podendo ou não ser de procedência oficial. A reimpressão não tem relação com a dupla impressão, que ocorre quando a prensa bate duas vezes no mesmo selo, gerando imagem duplicada, nem com a reincisão, que é a impressão de algum retoque no selo (Ver <http://www.phila-lexikon.de/>).

No Brasil, foram feitas reimpressões, em 1890, do selo “olhos de boi” de 90 réis; em 1884, do selo “colorido” de 280 réis; em 1910, da série “vertical” (exceto do valor de 90 réis), utilizando-se as chapas dos selos Olhos de Cabra tipos de 1854/61, e dos “coloridos” de 280 réis e 430 réis; em 1925, novamente da série “vertical”, ainda sem o de 90 réis, e da série completa de “coloridos” em papel grosso liso e, também, com vergê horizontal (papel cotelê); e, em 1943, das séries “vertical” e “coloridos” completas (inclusive do “vertical” de 90 réis), além de inúmeros outros selos de Dom Pedro II, tipo cifra, cruzeiros da República e jornais cifra horizontal. É preciso atentar que a reimpressão do selo “vertical” de 90 réis é de 1943, não havendo sido reimpresso em 1910 e 1925.

5. As formatações dos ensaios de Dom Pedro II barba branca

Os estudos indicam haver as seguintes formatações: (i) isolados em centro de



Fig. 05

folha de 1\$000; (ii) isolados em papel cartão de 1\$000; (iii) blocos de nove de 1\$000; (iv) isolados em papel normal de 2\$000; (v) isolados em papel espesso de 2\$000; e, (vi) isolados em papel fino

de 1\$000. Pode ser que a variação tenha ocorrido por inobservância quanto ao papel utilizado, colocando-se na prensa o papel que estivesse disponível (como ocorreu no processo de confecção dos selos “netinhas”), visto que não há necessariamente um padrão e as figuras encontradas são apenas três: uma para os de 1\$000 e duas para os de 2\$000 (**Figura 05**).

A diferenciação destas duas últimas ocorre na orientação gráfica da expressão “réis” e na parte clara, sendo que uma imagem possui a palavra “réis” reta e com parte clara frisada, enquanto a outra possui a expressão em formato circular, tendo a parte clara lisa, sem frisos.

Interessante notar, ainda, que no valor facial de 2\$000 não consta a expressão “correio”, levantando a hipótese, a ser futuramente investigada de ser algum ensaio para emissão de selo fiscal, e não postal. Outra hipótese é ser selo para utilização em bilhete postal, visto que, conforme informado por José Carlos Vasconcelos dos Reis, no Boletim da Sociedade Philatelica Paulista, de abril de 2015, nº 222, p. 30/31, foi projetado novo tipo de bilhete postal de 20 réis. Contudo, o valor facial de 2\$000 é exacerbadamente superior, o que torna mínima esta probabilidade.

5.1. Os ensaios de 1\$000 isolados em centro de folha

O formato das folhas do selo de 1\$000 é de 142 mm por 98 mm, com alguma variação em torno de 2mm para menos. Em todos os ensaios isolados no centro de folha há marca de corte por lamina cega sempre na margem inferior e em uma das laterais (direita ou esquerda), sendo que a margem superior tem sempre corte preciso. Pode ser que quatro ensaios formem uma folha única e tenham sido cortados sempre em cruz, visto que não existem ensaios com corte na parte superior nem em ambas as laterais. A espessura do papel é de 150 micra, sendo gravado por meio do processo de talho doce.



É usual se encontrar ensaios de Dom Pedro II cortados, não significando que haja havido outro formato de confecção além dos apresentados neste estudo. Considerando as margens com cortes cegos, a falta de uma margens e a redução acima da variação conhecida de 2mm, indica o corte “a posteriori” (**Figura 06**).



Os ensaios de 1\$000 são conhecidos em cinco cores: vermelho; azul; sépia; roxo; e, verde (**Figuras 07**). A cor verde é a mais difícil de ser encontrada, sendo a vermelha e a sépia as mais comuns. Embora se tenha tido acesso a diversas amostras na cor “preta”, ao se analisar com uma lente de aumento de 60 vezes foi possível observar que a cor verdadeira era roxa, evidenciando não existir ensaio nesta formatação na cor preta, embora seja cor comumente utilizada em ensaios filatélicos.



5.2. Os ensaios de 1\$000 em papel cartão



Fig. 08

Os ensaios de 1\$000 em papel cartão são encontrados isolados e a única cor que se teve notícia no decorrer destes estudos é a alaranjada (**Figura 08**). Até o momento, não é possível precisar qual teria sido a formatação original de gravação, mas é possível supor que teriam sido gravados também no formato isolado em centro de folha em razão de haver a mesma evidência em relação aos ensaios de 2\$000. Contudo, o papel cartão é mais espesso em 80 micra, sendo que o isolado em centro de folha tem 150 micra, enquanto que os ensaios em papel cartão possuem a espessura de 230 micra. São, também, impressos por meio do processo “talho doce”.

5.3. Os ensaios de 1\$000 em bloco

Os blocos de nove selos não são comuns de se encontrar no mercado, embora também não cheguem a ser raros. É provável que tenham sido gravados em menor tiragem em relação aos outros formatos dos ensaios. Não se sabe se teriam a mesma origem dos demais ensaios de Dom Pedro II barba branca apresentados neste estudo. Contudo, todos os elementos gráficos possuem grande semelhança, indicando tratar-se do mesmo ensaio. Na “Bull’s Eyes, Journal of the Brazil Philatelic Association”, Third Quarter, 2014, Vol. 45, Num. 3, afirma-se que teriam sido gravados por Cottens em Paris, embasando-se no artigo “Império do Brasil 1843-1889”, publicado por “The American Philatelic Society”, em 1943, onde Dr. Clarence W. Hennen afirma (p. 83): “engraved by Cottens in Paris”.



Fig. 09

O formato original possuía margem maior e com chanfrado, como o exemplar aqui apresentado, na cor preta, anulado à pena, sendo, este sim, de grande raridade (**Figura 09**). São conhecidas as cores: acinzentado; alaranjado; azul; roxo; verde; e, vermelho - peça vermelha pertencente ao acervo Junges (**Figura 10**). A espessura de todos eles é de 70 a 90 micra. O ensaio de nove selos na cor verde é o mais difícil de ser encontrado, especulando-se ter sido gravado em menor quantidade em relação aos demais.

Os blocos de nove selos foram usualmente cortados, tanto para redução do tamanho, quanto para redução da quantidade de selos. Os blocos divididos são comercializados separadamente, aumentando o valor cobrado, sendo comum encontrarem-se ofertas de selos cortados pelo mesmo valor do bloco inteiro, o que, contudo, é um equívoco, pois se trata de ensaio defeituoso.



Fig. 10



Fig. 10



Fig. 10



Fig. 10



Fig. 10



Fig.10

5.4. Os ensaios de 2\$000

Os ensaios de Dom Pedro II barba branca no valor de 2\$000 são conhecidos em três cores: acinzentado, alaranjado e azul. O “Catálogo Histórico dos Selos do Império do Brasil (1843-1889)” traz a informação de que também teriam sido emitidos nas mesmas cores do ensaio de 1\$000, ou seja, nas cores: acinzentado, azul, roxo, sépia, verde e vermelho. Contudo, tal informação ainda não foi possível de ser confirmada, sendo difícil se precisar até o momento quais são as cores existentes.



Fig. 11



Fig. 11



Fig. 11

A espessura do papel é de 70 a 90 micra e são impressos por meio do processo de litografia. (Figura 11). Embora apareça no formato isolado, especula-se ter sido

gravado na formatação “isolado no centro de folha”, em razão de imagem mostrada no “Catálogo Histórico dos Selos do Império do Brasil (1843-1889)” (Figura 12). Contudo, a espessura deste ensaio de 2\$000 não corresponde com o



formato isolado, que tem em média aproximadamente o dobro da gramatura - 150 micra. Segundo o referido Catálogo, “são conhecidos em papel cartão, nos valores de 1.000 réis e 2.000 réis, medindo 9.5x14 cm (...)”, mas, até o momento, esta informação também não foi possível de ser corroborada.

O fato de terem sido feitos ensaios no valor facial de 2\$000 indica que seria para período posterior a 1890, década em que os primeiros selos neste valor começaram a ser feitos, como se verifica pelos selos tipo “madrugada” de 20 de setembro de 1894 (em papel médio liso e em papel gessado, ambos com denteação 11-11,5.), tipo jornais sobrestampados de 27 de dezembro de 1898 (sobrestampado em verde sobre o selo laranja -76.436 ex. - e sobrestampado em verde escuro sobre o selo castanho avermelhado - 89.953 ex.) e tipo “cruzeiro do sul” de 25 de junho de 1899 (na cor ocre, com sobrecarga 2\$000 na cor lilás, de 25 de junho 1899, denteação 11-11,5; existe também com a sobrecarga carmim). Antes de 1890, apenas possuía o valor facial de 2\$000, o selo de telégrafo de 1869, com algarismos redondos, na cor bistre, com e sem filigrana “Lacroix Frères”.

5.5. O ensaio de 2\$000 em papel espesso

O ensaio de 2\$000 é encontrado também em papel espesso, similar a um papel cartonado, com espessura de 140 micra (**Figura 13**). Não se tem notícia de existirem em outras cores além do azul. Interessante notar que o papel é azulado apenas na frente, demonstrando leve desbotamento da tinta. Na diagramação a expressão “réis” acompanha o formato oval, diferente dos demais ensaios de 2\$000. Diferentemente de todos os outros, a impressão não tem absolutamente nenhuma ranhura, sendo, como os demais ensaios de 2\$000 impresso por meio de litografia.



5.6. Mais uma formatação?

Em seis ensaios isolados de 1\$000 a espessura encontrada não corresponde aos isolados em centro de folha, nem aos em bloco. Possuem espessura de 40 a 50 micra e as cores são: acinzentado; alaranjado; azul; roxo; verde; e, vermelho (**Figura 14**). Ainda é preciso aprofundar os estudos quanto a essa diferenciação encontrada, mas as cores indicam terem vindo de blocos de nove, embora a espessura seja outra.

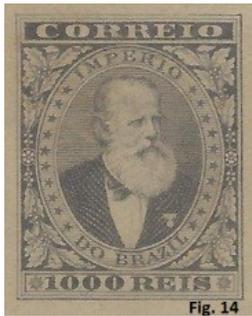


Fig. 14

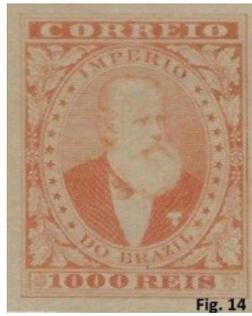


Fig. 14

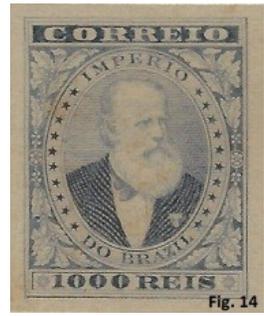


Fig. 14

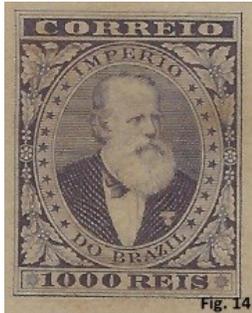


Fig. 14

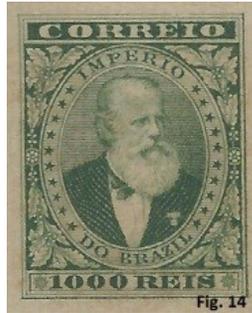


Fig. 14

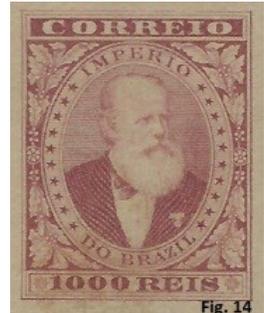


Fig. 14

5.7. Cotação

A recente alta do dólar acabou por influenciar no valor usual praticado na comercialização dos “ensaios de Cottens”. Contudo, com base no acompanhamento do preço nos últimos anos nos principais leilões filatélicos, nacionais e internacionais, e com os principais comerciantes de material filatélico brasileiro, nacionais e internacionais, é possível estimar a cotação que estes ensaios possuem, inclusive, considerando-se o atual câmbio monetário.

Formatação do “Ensaio de Cottens”	Valor
Isolado de 1\$000 em centro de folha	R\$100 mínimo R\$130 usual R\$150 máximo
Isolado de 1\$000 em papel cartão	R\$180 único valor conhecido
Bloco de nove selos de 1\$000	R\$90 mínimo R\$400 usual R\$900 máximo
Isolado cortado do bloco de nove selos de 1\$000	R\$30 mínimo R\$80 usual R\$130 máximo
Isolado de 2\$000	R\$200 mínimo R\$ 240 máximo
Isolado de 2\$000 em papel espesso	R\$370 único valor conhecido

Desprezou-se frações e inclui-se eventuais valores adicionais pagos na aquisição do material. Nem todos tem valor mínimo, usual e máximo por não serem facilmente vistos no mercado. O valor máximo para o bloco de nove selos de 1\$000 refere-se ao bloco inteiro, com as margens chanfradas, que, ao longo de todo o estudo foi visto apenas um, na cor preta, anulado a pena, leiloado pela casa de leilões alemã Auktionshaus Christoph Gärtner, em seu 32º leilão, de outubro de 2015.

Em razão da especificidade do material, a condição pouco influência no seu valor, salvo alta deterioração do papel. Desprezam-se marcas escuras (comum verificar em muitos ensaios a existência de marcas decorrentes do toque humano, embora seja ruim a longo prazo, isso não tem sido suficiente para afetar o valor de negociação), escurecimento natural do papel e leves dobras que eventualmente se tenha no material. O corte do ensaio isolado em centro de folha, mantendo-se o chanfrado, afeta muito pouco no valor de sua comercialização; contudo, deveria afetar o valor, pois o corte acaba por gerar uma peça defeituosa, excluindo uma grande característica, que são as duas margens com corte.

6. Analisando as cores



Fig. 15



Fig. 16

Geralmente, ocorre grande confusão ao se classificar as cores acinzentada/preta, marrom/sépia, roxo/violeta e vermelho/alaranjado, principalmente em relação aos ensaios de 1\$000. De início, já se ressalta que a cor acinzentada foi encontrada apenas nos blocos de nove selos e nos isolados de 2\$000, sendo que não chega a ser cor preta. Não há tal cor para o ensaios isolado no centro de folha.

A cor marrom/sépia é a que possui maior diversidade de tonalidades, chegando a indicar que realmente poderiam consistir em duas cores, pois existem ensaios em um tom mais escuro opaco (marrom) e outro claro amarelado (sépia) (**Figura 15**). A tonalidade lilás/roxa é bem escura e, portanto, não existem duas cores, mas apenas divergência de classificação, sendo todos de cor roxa (**Figura 16**). Os ensaios de 1\$000 possuem tonalidades avermelhadas, no entanto, não chegam a ser alaranjados, nem mesmo vermelhos, como fica claro pela análise de um exemplar escuro e outro claro (**Figura 17**).



Analisando detidamente as cores por meio de lentes de aumento, é possível verificar que o vermelho apenas existiria no bloco de nove selos, sendo os demais avermelhados ou alaranjados.

7. Cottens: duas referências, nenhuma relação!

A utilização do nome “Cottens” costuma ser utilizada para os ensaios de Dom Pedro II isolados no centro de folha. Contudo, pelas semelhanças com os demais ensaios, não parece ser equivocada a transposição do nome para as outras formatações. Ocorre que não há base sólida para tal denominação e, portanto, a referência tem mais sentido costumeiro do que propriamente científico histórico, podendo, inclusive, ter sido inventada por algum filatelista ou comerciante filatélico. A própria autoria destes ensaios é contestada, visto que não há nada que indique existir artista francês contemporâneo com tal nome; além de não se saber ao certo quem os teria confeccionado.

A única referência encontrada nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional da França é a de Victor de Cottens (1862-1956), escritor suíço, que viveu na França (**Figura 18**). Além disso, há duas cidades suíças denominadas Cottens, mas nada há de relação com emissões postais brasileiras, sendo apenas curiosa coincidência.

O nome “Cottens” poderia ser referência a papel feito com fibras de algodão? Seria alguma gráfica antiga de nome Cottens localizada em Paris na França? Essas são duas perguntas que ainda demandam maior aprofundamento, pois, até o momento, não se conseguiu qualquer informação que indicasse uma resposta.



8. A foto utilizada no ensaio

A foto utilizada nos ensaios é provavelmente alguma do período de 1880 a 1890, em que o Imperador estava com a imagem mais próxima da apresentada, com cabelo mais curto, barba mais comprida do que larga e com cabelo levemente mais comprido na parte de trás da cabeça. A imagem do selo é bem próxima de foto tirada em 1887, em Baden-Baden, em que Dom Pedro está com 61 anos de



Fig. 19

idade, tendo como autor: Hermann Wittel Imperador. (**Figura 19**). Outra foto em que o Imperador está com a imagem muito próxima da utilizada nos “ensaios de Cottens” é de 14 de agosto de 1890, em que está com 64 anos, tirada por Numa Blanc Fils (1849-????) (**Figura 20**). Ambas as fotos mostradas no presente artigo pertencem ao álbum de retratos da Família Imperial do Museu Imperial.

A imagem é diferente das utilizadas nas emissões postais brasileiras de “Dom Pedro II”. As três primeiras emissões, impressas por American Bank Note Co. New York, possuem fotos, nas duas primeiras, com a barba preta e, na terceira, com o Imperador com cerca de 50 anos de idade. Estas três emissões utilizaram fotos de Stahl e Wahnschaffe, sendo as duas primeiras tiradas no Rio de Janeiro, em 1865, e a terceira na Philadelphia, em 1876.

A emissão de 1878 feita pelo Continental Bank Note Co., com valor facial de 300rs verde/amarelo, conhecido como “abacaxi”, de 21/08/1878, também é diferente, tendo barba preta e aspecto bem jovial.

A partir de 1881, os selos passaram a ser emitidos pela Casa da Moeda do Brasil, utilizando papel frágil e tintas de fácil descoloramento, conforme descrito em “Miscelanea Historica, Postal e Filatelica Nacional”, de Dorvelino Guatemosim (GUATEMOSIN, p. 171). As imagens utilizadas também não correspondem a da foto utilizada para a elaboração dos “ensaios de Cottens”.



Fig. 20

9. A origem da gravação: American Bank Note Co. New York?

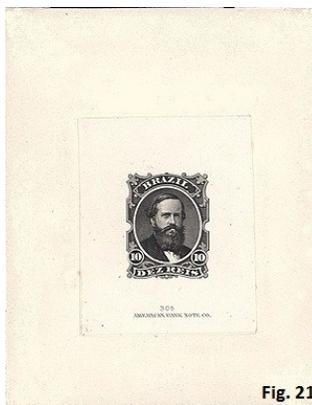


Fig. 21

As emissões postais dos selos de Dom Pedro II foram gravadas e impressas por American Bank Note Co. New York (ABN Co.) Continental Bank Note Co. e Casa da Moeda do Brasil. No entanto, não há comprovação de que os “ensaios de Cottens” teriam sido produzidos por algum deles, embora seja comum se afirmar no meio filatélico que teriam sido gravados pelo ABN Co.

Todos os ensaios vistos até hoje não possuem nenhuma inscrição ou indicação de onde teriam sido gravados e impressos. É prática do “ABN” identificar seus ensaios, mas nenhum “ensaio de Cottens” possui marca ou indicação. Vê-se a identificação da origem “American

Bank Note Co.” no ensaio de Dom Pedro II barba preta de 10 réis (**Figura 21**). A mesma identificação existe no ensaio composto pertencente ao acervo de Brian Moorhouse (**Figura 22**).

No entanto, na “Bull’s Eyes, Journal of the Brazil Philatelic Association”, Third Quarter, 2014, Vol. 45, Num. 3, há uma ilustração do que seria o verso de um “ensaio de Cottens”, com a inscrição “American Bank Note Co. New York Specimen” (**Figura 23**). Em toda a pesquisa realizada, não há nada que indique a autenticidade da peça desta imagem. A imagem original está em preto e branco, tendo sido colorida por efeitos gráficos para facilitar a visualização.



Fig. 22



Fig. 23

Logo após a suposta impressão dos ensaios de Dom Pedro II barba branca, foram emitidos, em 01 de janeiro de 1890, os selos tipo “Cifra ABN”, sendo a primeira série na cor carmim e a segunda em cores diversas, as quais possuem a especificidade de a tinta desbotar na água e em outros líquidos, o que também ocorre nos ensaios de Dom Pedro II ora estudados, como

mostrado no ensaio azul acidentalmente molhado em água salobra (**Figura 24**). Assim, pode-se especular se seria a mesma tinta, à base de anilina, o que demanda investigação.

A falta de numeração e controle da emissão dos “ensaios de Cottens” pode indicar serem franceses, sendo que o “Atelier de Fabrication des Timbres-Poste” começou a controlar as provas gravadas com numeração apenas após 1959, com quantidade limitada entre 18 a 28 cópias. Contudo, independentemente da quantidade impressa, caso realmente fossem franceses, dificilmente se teria esses ensaios no mercado, pois o ente emissor guardava suas impressões, conforme ensina Giorgio Leccese (http://www.dieproofs.it/english/introduzione_eng.html). No entanto, é preciso o aprofundamento, pois havia mais empresas francesas que gravavam selos.



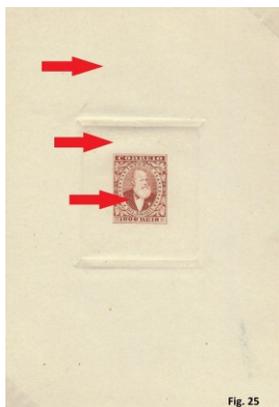
Fig. 24

Já se vislumbrou as seguintes correntes quanto à origem: (i) isolados em centro de folha impressos pela ABN Co. e os blocos de nove por Cottens em Paris na França; (ii) todos impressos pela ABN Co; (iii) todos impressos por Cottens em Paris na França. Há a afirmação também de que apenas os isolados em centro de folha são os “ensaios de Cottens”, o que se contradiz com a de que apenas os blocos de nove teriam sido impressos por Cottens em Paris. Percebe-se nitidamente que a história não está bem contada e há muitas incertezas.

10. As análises não destrutivas na filatelia

As análises não destrutivas vem ganhando importância na filatelia como mecanismo de se estudar o material sem danificá-lo. Nos Estados Unidos da América, há o “Institute for Analytical Philately, Inc.”, que promoveu em Chicago, nos dias 18 e 19 de novembro de 2015, o seu Segundo Simpósio, com foco nos Métodos Analíticos na Filatelia.

As primeiras análises não destrutivas em material filatélico realizadas no Brasil, pelo que se tem notícia, foram realizadas em 03 de junho de 2015, pela pesquisadora Dra. Márcia Rizzutto e pelo autor do presente artigo, no Departamento de Física Nuclear da Universidade de São Paulo - USP, Laboratório de Materiais e Feixes Iônicos, por meio de método analítico atômico-nuclear de espectrometria de fluorescência de raio X. Esta técnica permite a prospecção e a quantificação de elementos químicos em diferentes materiais, identificando metais residuais presentes na amostra.



Focou-se o laser do espectrometro em três pontos: no desenho do paletó (por ser o local com maior pigmentação), no quadro dentro do chanfrado e na parte externa do chanfrado (**Figura 25**). Na análise do feixe iônico, havia picos de íons de cálcio (metal alcalino terroso) e ferro (metal de transição),

mas que era do próprio papel, e não da tinta, pois foi encontrada a mesma quantidade nos três pontos focados, ou seja, o mesmo material foi encontrado nos pontos com e sem tinta. Não havendo traços metálicos na tinta, presume-se que sua composição seja orgânica, o que ainda merece ser apurado.

Os resultados encontrados comprovam que os ensaios são, provavelmente, do século XIX, pois há traços metálicos característicos nas tintas utilizadas no século XX, em especial, titânio, presente no veículo a partir da década de 30 (a

tinta é formada por “veículo” e por “pigmentos”/“corantes”). Esses estudos preliminares descartaram, portanto, o boato que se ouviu ao longo dos estudos de ser peça criada na década de 1930 com a única intenção de se vender para filatelistas.

10.1. A continuidade dos estudos com análises não destrutivas

O próximo passo é passar para análises não destrutivas orgânicas da tinta, já que não há metais na tinta e que o papel não tem como ser datado. A datação por meio de radiação por carbono 14 não é adequada para os presentes estudos, uma vez que identifica a idade das árvores que compõem a polpa do papel e não a data de sua confecção. Conforme informado, em 15 de julho de 2014, pela pesquisadora associada Cristina Ramos, do Laboratório Beta Analytic, “o laboratório indicou que não é possível datar selos com C14 porque o papel está feito de polpa de árvores com diferentes idades e o C14 apenas poderia indicar uma média da idade dessas árvores, não a data de fabricação do selo”.

Portanto, é preciso buscar elementos físico-químicos constantes no papel e na tinta e verificar com qual período histórico e local de impressão há compatibilidade, mas, para isso, será preciso formar uma base sólida de aferição, de modo a se permitir a análise comparativa.

O estudo de outros materiais permitirá formar esta base, permitindo que se tenham referências, com dados paramétricos confiáveis. Para isso, a análise dos ensaios, provas e reimpressões aqui apresentados será crucial, além do estudo de selos verdadeiros e falsos feitos no século XIX e início do século XX, em especial pelo ABN Co. e os impressos na França. Os selos verdadeiros funcionarão como controle. Os falsos permitirão analisar o processo utilizado para fazer selos de modo não oficial e identificar os papéis e tintas utilizados na época.

Em razão de ser comum na filatelia brasileira a afirmação de os ensaios de Dom Pedro II barba branca terem sido gravados em Paris, na França, é indispensável conhecer-se o processo de elaboração dos selos postais franceses, de modo que seja possível consolidar a base para a identificação da origem dos ensaios ora estudados, sendo que este é um tema que ainda demanda estudos mais aprofundados. Embora o enfoque sejam as provas emitidas após 1938, o estudo de Giorgio Leccese é de grande relevância para se entender o processo de confecção, gravação e impressão dos selos franceses ao longo da história. Disponível em <http://www.dieproofs.it/>; acesso em 28 de dezembro de 2015.

Em razão de ser comum na filatelia brasileira a afirmação de os ensaios de Dom Pedro II barba branca terem sido gravados em Paris, na França, é indispensável conhecer-se o processo de elaboração dos selos postais franceses, de modo que seja possível consolidar a base para a identificação da origem dos ensaios ora estudados, sendo que este é um tema que ainda demanda estudos

mais aprofundados. Embora o enfoque sejam as provas emitidas após 1938, o estudo de Giorgio Leccese é de grande relevância para se entender o processo de confecção, gravação e impressão dos selos franceses ao longo da história (disponível em <http://www.dieproofs.it/>; acesso em 28 de dezembro de 2015). Em rápida análise no microscópio, já é possível verificar diferenças no processo de confecção, como se verifica pelas imagens ampliadas da parte do terno do Imperador Dom Pedro, respectivamente, nos selos de 1\$000 isolado no centro de folha e de 2\$000 em papel espesso (Figuras 26 e 27).



Fig. 26



Fig. 27

Por fim, como efeito colateral dos estudos por análises não destrutivas da tinta, será possível se precisar com exatidão as cores existentes, identificando as pigmentações e os corantes utilizados em sua composição.

11. Referências bibliográficas

- BRAZIL PHILATELIC ASSOCIATION. "Bull's Eyes, Journal of the Brazil Philatelic Association", Third Quarter, 2014, Vol. 45, Num. 3.
- GUATEMOSIN, Dorvelino. "Miscelania Historica, Postal e Filotelica Nacional". São Paulo, 1935.
- HENNAN. Clarence. Império do Brasil 1843-1889. The American Philatelic Society, 1943.
- INSTITUTE FOR ANALYTICAL PHILATELY, INC. <http://analyticalphilately.org/>, acesso em 28 de dezembro de 2015.
- LECCESE, Giorgio. http://www.dieproofs.it/english/introduzione_eng.html, acesso em 28 de dezembro de 2015.
- LINN'S STAMPS NEWS. Insights. "What are essays and proofs?". Disponível em <http://www.linns.com/en/insights/stamp-collecting-basics/2000/january/what-are-essays-and-proofs-.html>. Acesso em 28 de dezembro de 2015.
- PHILA-LEXIKON. <http://www.phila-lexikon.de/>, acesso em 28 de dezembro de 2015.
- SOCIEDADE PHILATELICA PAULISTA. Boletim Informativo. São Paulo, Abril 2015, nº 222.
- STUDART, Marcelo Gladio da Costa. Catálogo Histórico dos Selos do Império do Brasil (1843-1889). 1991.
- VASQUEZ, Pedro Karp; ARGON, Maria de Fátima Moraes. Família Imperial: álbum de retratos / organização de Maria de Fátima Moraes Argon ; texto de Pedro Karp Vasquez. Petrópolis, Rio de Janeiro: Museu Imperial.
- WIKIPEDIA. [https://en.wikipedia.org/wiki/Die_proof_\(philately\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Die_proof_(philately)), acesso em 28 de dezembro de 2015.